Estive no inferno e lembrei de você.

Senti dor, um estrondo latejante que chacoalhava minha mente fio a fio, meu peito queimava como fogo, mas meu corpo suava frio como se estivesse no inferno. Eu digo que o inferno é frio, e digo porquê passo calor, sim passo, mas para passar calor não necessito de roupas, posso vestir qualquer trapo, me banhar em qualquer mangueira de quintal que me refresco, se trabalho no sol quente, se ando quilômetros com a moda baiana de fazer objetos de chapéu como se fosse um burro de carga logo me refresco nas praias, me enfeito de trapos e digo que sou madame de Ipanema, fujo nos meus intervalos e me jogo nua nos rios, pulo sem escapatória, como quando se é criança e brinca com seus amigos de rua. No meu caso não houveram amigos de rua, e aí se entende o porquê o inferno é frio, Deus não deixaria seus filhos morrerem com trapos de doação, o diabo sim, no inferno me vejo deitada, como nos dias de inverno na Lapa, os dias que tenho de me aquecer pelos escombros daquele prostíbulo, que me rastejo no chão e uso corpos como lençóis. Não ouço sirenes, ouço grunhidos, ouço o barulho da ciclovia, o grito dos becos, o cantar da cidade e o martelar das obras, ouço o menino pedir um brinquedo a mãe e ela negar por não ter nem o trocado do pão, ouço o pai soluçar pois suas quatro paredes sem reboco deslizaram e ele não pagou nem a primeira prestação. Ouvia Mathias dizer que o sonho era muito aqui na Lapa, eu discordo, sonhava muito as noites, rezava muito para que pudesse sonhar, e sempre me recordava, tinha um caderninho ao lado de meus aposentos, era o luxo que me dava, de vez em quando pegava jornais jogados na rua, nas lixeiras ou os que a Senhora Eunice me dava, era cafetina, pegava-os para ler o horóscopo, assim como eu, via isso como uma forma de sonho também. Dona Eunice assim como eu não era casada, estava na casa dos quarenta e tinha uma paixão, seu Sérgio, paixão de adolescência, e eu sei porque ela me mostrou uma foto dos dois jovens, era um alemão alto e louro, a família não era daqui, mas ele se dizia brasileiro, lutou na guerra e deixou a dona para trás, ela juntou um dinheiro e comprou uma tinta loura também, sempre que a via pintava seus olhos

com maquiagem azul e as unhas de vermelho, não podia ser alemã como seu Sérgio, mas tentava o que podia, era hermética, abusada e até autoritária no inferninho, mas era o que tinha. Foi Dona Eunice quem me ajudou desde muito nova.
Tinha onze anos, e quando cheguei não era virgem, era daquelas crianças catarrentas que nem sabem do que a vida se trata, tinha o cabelo embolado em um penteado mal feito para estancar os piolhos que pulavam dos meus cabelos crespos e escuros, ficava nos cantos da casa, tentava não pisar nas agulhas e não tinha nem sequer um pão para comer, ouvia minha mãe dizer que era bobagem, isso quando tinha consciência, não me lembro de muita coisa, nada muito além dos abusos, nem concretos pûde os ver por muito tempo, me lembro de minha mãe mergulhada na poça de seu próprio vômito e da surra que levei do homem que nem era meu pai, me lembro de berrar, de correr pela porta e ser apelidada pelas ruas, cheguei enjoada, fazia testes de gravidez sem nem saber o que eram, fervia urina, testava com sal, vinagre, quase que me fazia uma receita. Cheguei no lugar como moleca, comia massa feita, nem me era necessário tanto agrado, bastava me dar um prato de comida e uns trapos que me via como princesa, comecei a fazer aquilo que sabia, com 13 anos me vestia mini saias, saltos finos e até furei as orelhas com uns trocados que juntei no ano anterior, botava argolas de metal que até já chegaram a enferrujar, tive febre, 38° para seguir a moda das meninas do inferninho. E continuei rondando as ruas assim durante as noites quentes em que os faróis iluminavam as favelas aqui da Lapa, quando fazia frio me emputecia, meus trapos eram sujos demais para serem usados nas ruas, pobretão vinha sempre de cartela, e agora que não podia pisar mais nas igrejas do bairro por levar fama de vadia não podia nem mais rezar para a proteção divina, entrava em qualquer carro, pegava qualquer um que me pagasse, apesar de meus caprichos não era Geni e tinha dívidas que não as podia deixar de lado.
Mathias era como eu, claro, não trabalhava no inferninho de dona Eunice, trabalha pelas ruas mas logo se meteu pelas portas de uma boate por aqui, Mathias dançava como mulher, se montava de bijouterias da cabeça aos pés, fazia uma maquiagem forte e pesada, mas isso não estancava seu sofrimento. Era negro, não era alto, tinha em média uns 1,68, um nariz largo e olhos escuros, as vezes caminhava até partes bonitas, não da Lapa,

mas de algum lugar o qual ele nunca me disse, passava nas bancas e gostava de ouvir as rádios das ruas, ajudava muito, já que trabalhava em uma boate, as vezes conseguia algo, as vezes não, ia até a sala de seu chefe, o qual ele nunca me disse o nome mas eu prefiro criar mim mesma um rosto para o sujeito, minhas ilusões ficavam a parte, mas ele dizia a Mathias que o amava, eu discordo e Mathias duvidava, não queria ser visto, desse relacionamento só levava consigo a vantagem, nem para a rua o sujeito havia levado Mathias, era sempre na sala, na sala, na sala, até cansar, mas Mathias não cansava, ao contrário, tinha esperança por mais que me negasse, sempre me disse que me via sonhar alto demais, eu não podia dizer o contrário, hoje penso que estava certa em partes, a ficção foi a única escapatória para a vida que levei.
Me via sozinha todo tempo, não gastava meu dinheiro com bobagens e nem me dava algum luxo, mas para quem carrega a mesma ferida sabe que via até comida como luxo, não só ela, saúde também. Nunca fumei, beber sim, não carrego o hábito, penso que deveria ter aproveitado até isso, mas nunca vi necessidade no fumo, na realidade morria de medo de arcar com o peso de respirar amargamente em pulmões petrificados pela nicotina. Penso nisso porque apesar de tudo queria ser mãe, não que queria os enjôos, isso não, mas também não acho feia a gestação, penso muito em como minha mãe se sentiu, como quando não tinha consciência, eu tento imaginar a cena em minha cabeça, tento me perguntar se já sabia que nasceria defeituosa, por isso poupou-se da humilhação de me ver crescer como tal. Mas também me pergunto se é natural me sentir tão menina, porquê de longe sou como algo que causa calor, um corpo, dentes, vértebras, algo que deveria ser forte. Vejo umas pessoas, que são para si, o que são para todos, e me pergunto se é assim que deve ser, se não devo pensar e que devo só viver. Mas nos últimos anos não tenho tido tempo para pensar, no máximo sobrevivo, mas ainda tenho aquele momento de me sentir envergonhada com minha presença, como quem toca um corpo nú pela primeira vez, ou como quem beija e se sente nervoso. O beijo, ou o toque, claro, não são novidade para mim, não vejo algo especial, mas mantenho a esperança de que alguém faça-me sentir virgem novamente, alguém além de mim, porque sozinha, em minhas noites de desespero, onde não consigo só dormir, como habitual, quando me maqueio como

poeta, me vejo como uma garota e penso que sou só uma menina brincando de ser mulher. Eu digo que, uma menina, quando passa a entender as mães e as tias, ela deságua feito um rio. E às vezes dou razão a minha mãe, penso que, se pudesse, fugiria de tudo também, estaria fora de mim, mas não consigo pensar muito em algo, menti quando disse que iria além do que me pareço a público, me desperto a ingenuidade, e parece até irônico vindo do buraco do inferno. Chamo a Lapa assim, como "buraco do inferno", não pelos dias de frio, mas não deixo de gostar do lugar, talvez tenha me acostumado com o pouco, ou até mesmo com o nada, caminho nas ruas escuras da Lapa, os faróis queimados, o cheiro de urina que vem dos becos, os pontos sempre bem recheados da clientela e as luzes noturnas do centro me fazem sonhar, não com as paredes mofadas dos quartos da Dona, mas talvez com algo que me faça ser alguém de verdade.

Não acho que seja muita gente, vejo algumas mulheres pela rua, não nos pontos, mas sim madames, vejo pelo jornal ou quando tenho que visitar o centro, mas me pergunto muito como é ser gente. Por algum motivo, os homens pensam que sou, ou pelo menos acho que pensam de mim alguma coisa, sempre volto para casa com cheiro de sêmen, tomo banho as vezes depois do serviço, quando me dá, não tenho como gastar a água de ida e vinda, me deito na cama e durmo de boca aberta, não respiro pelo nariz, mas sim pela boca, às vezes acho que se faz algum estalo, pelo menos algum barulho, e penso como seria se me deitasse com meu marido fazendo esses estalos, tenho vergonha, isso me faz menos gente?

Tenho vergonha de mim, de muitas coisas no caso, mas não me importo muito, não é como se fosse um fardo tão importante, carrego a dor, mas vejo o pior na vergonha, o medo que ela carrega é pior que muitas dores que pude sentir. Não tenho nada a mostrar, e a vergonha é de mim mesma, não quero estar sozinha, não tenho no que pensar, mas tenho a cabeça lotada, quando estou acompanhada, seja por quem for, não sinto desconforto em ficar calada, na realidade é um diálogo que poderia ter, o silêncio, não tenho um interesse para comentar, mas acho que é isso o que as pessoas fazem, deve ser conveniente se apaixonar pelo silêncio, amar o silêncio de uma pessoa, ser só corpo e ambiente. Nunca precisei ter diálogo com qualquer homem que fosse prestar algum serviço, e acho que

eles preferem as mulheres mais quietas, as vezes claro, comento algo, ou me entusiasmo com qualquer bobeira, sou levada como tudo, menos santa, a última conversa que tive foi com um sujeito de família, Moacir, me perguntou sobre amor, me falou de sua filha e eu estranhei, mas era um bêbado, me pegou no ponto depois da sinuca, no começo até me perguntou algo, mas logo seguiu como os outros, e eu entendo, vejo como função ajudar calada, mas sempre se segue com uma dúvida estranha, um comentário narciso e às vezes até com lágrimas, já presenciei algumas, eles choram de arrependimento, pela traição não é, porque sempre voltam, mas dão um jeito de tentar lhes auto-convencer do tal arrependimento inexistente, ouço o mesmo choro vezes e vezes, nada muda. Sinto pena das esposas, mas não há o que eu possa fazer, se não faço não como, se não como não durmo, se bem que me acostumei a dormir de barriga vazia, ar e vento apenas, acho que minha convivência me ensinou isso também, não sinto a mesma dor de antes, e algo que nunca senti foi o prazer, nunca mesmo… Talvez seja por estar a servir, nunca fiz nada fora de serviço, pensei em alguns homens ao longo da vida, mas nada com qualquer resposta concreta, já que não houve nem a chegada de mim até um deles, sempre soube que não teria chance, mas na maioria dos casos optei por me iludir, mas me iludir calada era melhor, não por pensar na humilhação, mas pela timidez de qualquer sentimento vindo de mim. Na adolescência me foi pior, me iludia por qualquer um facilmente, não que agora seja diferente, mas bastava algum sinal de cuidado para que me deixasse murcha feito uma pétala, e digo murcha por me estremecer de paixão, por me sentir pequena, tímida e calada, por mais que quisesse contar minhas bobagens, me sentia menina de novo, e a mocidade faz isso conosco. E acho que isso ainda persiste em mim, o cuidado causa algo inexplicável, talvez seja pela falta que me faz alguma figura que tivesse o mesmo comigo, mas acho que não entendo o bastante pra dizer sobre isso. Tive alguns amores na verdade, para não contar com todos digo que foram quatorze e meio, vejo meia casca, vejo meia pele, por mais que saiba que não é o lado que querem que eu veja, mas realmente não se importam com a minha visão, a maioria no caso, não se importa. Mas não é como se algo fizesse diferença para mim, com tanta experiência acho que conhecer alguém na carne viva talvez seja sonhar, e tenho tentado me manter com o

pé no chão, mão na consciência, talvez tenho sonhado de menos, até então. Os homens aqui sempre foram muito brutos, mesmo por ter chegado muito moça, na ironia não era uma, sabia tudo sobre o outro assunto, mas de meu corpo não sabia nada, até hoje não falo, nunca entendi o porquê, mas se não falam, algo bom não deve ser, você entende não é? Digo, porque para falar sobre isso quero ter a certeza de estar entre mulher… na época usava panos, até hoje na realidade, não posso me dar o luxo de gastar em algo que jogo fora, e me ensinaram aqui, tudo… nem tudo , mas sinto que não preciso estar entre alguém, ou ter papo em dia sobre isso, me sentiria envergonhada se tivesse, me desceu com quinze anos, na época, achava que seria alguma doença, pensei que morreria e me deitei na cama como morimbundo, na época vi alguns casos de mulheres do cubículo morrerem por doenças do sexo, mas nunca me cuidei, trabalhava desde os onze e acredito que lá tenha sido pior, nunca fiz por gostar, é completamente longe disso, e há quem me diga que não é por necessidade se ando pintada por aí, dizem que é por luxo e prazer, se fosse por luxo e prazer não estaria aqui. Trabalhar com tal clientela, é no máximo suportável pela necessidade, "o homem é sádico, não só no sexo, como no jogo da vida" ouvi essa frase muitas vezes, e concordo, apesar de minha muita ilusão por qualquer um que me venha, o homem sempre foi sádico no sexo, lhe deita na cama, sempre fica sobre você, e por mais que negue a dominação própria com o querer ser dominado, o sadismo permanece, porquê o homem sempre pensa no próprio prazer, e isso é algo ancestral, é atemporal, as frases que se ouve, e sei que toda mulher ouve, todas elas incitam seu sadismo de forma tão transparente, e na vida, seu sadismo é ainda mais aberto. Nasci com uma ferida que homem nenhum consegue sentir, meu sangue escorre devido ao cargo de carregar entre minhas pernas acima um útero, devido a minha pele tão retinta e meu cabelo crespo, os homens projetam isso, os homens tentam de algum modo se sentirem equivalentes mesmo sabendo que nosso ser não coincide, que nossas vivências não batem e que talvez eu seja mais forte mesmo sendo mulher, essa contradição entre o crer e o existir, o viver como alguém que mereça ter algo tem me sido uma forma informal de automutilação, é como se me matasse só por me propor algum futuro decente mesmo que sua visão não seja nada clara e que seja distante do que vim, não é

contentável viver essa vida, muito menos chorar essas lágrimas, mas sofrer de mais tem me feito perder a cabeça, me sinto ingrata, mas ao menos posso respirar, por mais que este ar queime meu olfato como uma brasa ardente. Deveria ser mais grata a Deus, mas ele me perdoaria de qualquer jeito, por não saber de nada, e por saber também, tenho sentido o perdão como um dono que alimenta seus porcos para o abate, tenho sentido o prazer na crueldade divina, mas as vezes me fere pensar que seja assim, por mais que não fale com quem não entenda esse prazer, tenho sentido tanto que me pareço como nada, e até sinto que não sou ninguém mas que ao mesmo tempo posso algo, e sei que não posso, talvez seja uma modéstia minha de sonhar como menina, e é o que me faz mal, pensar que alguém como eu merece amar, merece ser amada. Sinto que me pareço apodrecer no inferninho, como se esperasse por algo, ou alguém, que nunca vem, é sempre trabalho e cubículo, como quem não tem diversão… Passei um carnaval atrás com Mathias, dançamos no bloco, sambamos quase que com a escola, ele se embebedou até não poder mais ficar em pé, levei ele para casa e claro, cuidei dele como nunca, sentia medo por aquilo me recordar meu padrasto, mas não podia deixa-lo lá. Mathias já me ofereceu algumas vezes para que fizéssemos uma pensão e dividíssemos seu apartamento, mas lógico, não aceitei, não podia pagar pelo quarto, ele insistiu algumas vezes, inventei algumas desculpas, não queria parecer rude, mas não é como se eu pudesse chegar ali e mudar tudo, interromper sua vida e me parecer poder alguma coisa, sei que não iria fazer de nada, mas, algumas vezes já tive que levar clientes em minha casa, com um medo de roer, isso é fato, mas também temo a rua, não posso esperar para que minhas contas se paguem sozinhas. Me deito em minha cama e sinto o cheiro de sêmen, por mais que seco, antigo, atual, o cheiro não vai embora, e não importa por onde ande, sinto o cheiro em qualquer esquina, é como se algo tivesse ficado preso em meu nariz, meu corpo cheira a sol, meus cabelos a sabão e meu olfato cheira a sêmen, sou quase que dominada por esse cheiro, um pessoal pergunta se nunca fiquei prenha de cliente, pessoal é mania de dizer, mas parece que nasci praguejada, nasci seca. Penso que talvez seja um repudio ao meu próprio gene, talvez venha de mim esse ódio todo, me canso de ser a mim, e em troca queria ser qualquer outra, apenas para viver como quem pode.

Essa noite me peguei pensando se pecava, se era modéstia lutar pela vida. Quero saber se vale a pena viver como quem não sabe, se a ilusão da sobrevivência é o mesmo que ser alguém em um mundo tão raso. Porque me deito com quem me vê a casca, e não tenho o costume já que nunca foi me dado o amor como algo que mereci, o sexo para mim sempre foi dor de dente, e penso, que se me dói, quero que doa mais, quero sentir, não de mim, nesse lado não, isso quero sentir de alguém, para que possa sentir de mim mesma finalmente, sem parar, para que eu sinta algo além da monotonia, para que eu seja alguém que sente, ando cansada de não ver nada, ninguém, de ter a vida taxada a ser isso ou aquilo, é indecoroso ser de si o que não vale nada. Se eu viver de novo, que seja como desejo, o desejo, a vontade, o suor da tentação de viver como algo maior. É imoral ter a vida como principal soluta, quem se dispõe a sobreviver é quem alimenta a fé de ter um pensamento maior do que a morte, é pavoroso não ser nada meio a um tudo, eu me deito ao fim e espero a morte chegar como quem não teme o mundo, espero a morte bater em minha porta como quem espera a hora de nascer, quero viver de novo, mas sinto tanta falta do que me fez mal que às vezes me entristece saber que tudo pra mim é vazio, vivo em uma cova existencial que me decompõe antes da hora, sou o luto em pessoa, e quando sinto os percevejos em minha cama é como se sentisse os vermes roendo minha pele, e então me viro e penso “deixe que comam!” Vamos ver se eu renasço de novo.